

Adivinhem quem vem

CORREIO BRAZILIENSE

O trunfo maior do segundo turno é evidentemente o senador Mário Covas: atrás dele correrão os dois candidatos, para buscar uma espécie de vacina contra a indignidade das alianças. Cercar-se de Covas será o antídoto para os males da imperfeição política, como se o candidato derrotado do PSDB encarnasse a moral política rejeitada numa campanha agressiva e aética. Ter o PSDB, e especialmente a adesão de Mário Covas, significará menos do que um passe de entrada no colégio eleitoral paulista, mas o vale-probidade, de que a candidatura foi assinalada. Desse atributo, os dois concorrentes ao segundo turno muito irão precisar, para exibilo em praça pública, a fim de projetar uma imagem de estadista.

O primeiro turno foi a hora dos ativistas, profissionais, ídolos de barro e amadores de toda sorte, que se mesclaram com um ou outro perfil de dignidade. O segundo turno, por sua vez, só suporta estadista, porque, sendo a hora da verdade (não necessariamente a hora do povo), tudo irá rescender a responsabilidade e compromisso. Em vez de um entrelhecho de classes (povo *versus* povo, ou elite *versus* povo), teremos um desafio entre a competência e o estilo de governo. Interessará menos saber quem fica com quem, do que quem administrará melhor a massa crítica de uma quase-hiperinflação, um déficit público agravado pelo estouro do caixa do Tesouro, uma dívida interna movida a desati-

no, e a externa tornada excelente negócio para banqueiros com sócios no Brasil, dentro ou fora do Governo.

As soluções para o problema do País não se resumirão mais, de agora em diante, a chamar o guarda da esquina; teremos de chamar o estadista, para resolver alguns dos dramas da transitoriedade, como a escassez de autoridade e falta de um projeto nacional. Na área econômica há muito não temos um plano macroeconômico, mas a política rastaquera apelidada de feijão-com-arroz. Na área política, o presidente da República se decidiu a rastear vetos, em vez de procurar votos. Os ministros, quando param em Brasília, ou brigam entre si, ou com a incapacidade de descomplicar, desburocratizar ou decidir sem poluir o bom senso. Tudo isso é atribuído a um fim de governo. Dir-se-ia melhor que é um autêntico fim de elite em que a ausência de critério rende culto à abstração da realidade. O Congresso Nacional não tem feito melhor, entregue ao culto de seu próprio umbigo constitucional. Mas de tantos poderes obtidos, tão pouco deveres cumpridos.

Essa pobre elite do poder vai-se confrontar com o estadista eleito a 17 de dezembro. O presidente eleito Tancredo Neves, no discurso de posse que não proferiu, iria fazer a crítica dessa elite tão imperfeita. Cinco anos depois, ela continua pobre, e o estadista mais necessário.

19 NOV 1989